

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal

Ex.mo Sr. Presidente do Instituto Politécnico de Tomar

Ex.mo Sr. 2º Comandante do Regimento de Infantaria 15

Ex.mo Sr. 2º Comandante do Presídio Militar

Ex.mos Srs. Representantes do Destacamento da GNR e da Secção da PSP

Ex.mo Sr. Comandante dos Bombeiros Municipais de Tomar

Ex.mos Srs. Vereadores

Ex.mos Srs. Presidentes das juntas de freguesia e das uniões de freguesia

Ex.mos Srs. Deputados Municipais

Ex.mos Srs. Dirigentes associativos

Demais entidades presentes

Familiares dos homenageados

Meus senhores e minhas senhoras

Pertenço a uma geração que cresceu e amadureceu cívica e politicamente já depois de 74. Não conheci a guerra colonial, não sofri os efeitos da censura, nunca vivi rodeada pelo medo. Era em 74 demasiado nova para que o 25 de Abril pudesse ter sido o dia mais feliz da minha existência, mas tenho plena consciência que foi a ocorrência desse dia que tornou possível tantos dias felizes na minha vida.

Nesse dia eu estava na escola primária, nuns pavilhões pré-fabricados, na várzea grande em frente à rodoviária.

Aliás a memória que tenho desse dia, foi o fato do meu professor primário – o professor Diamantino – retirar a fotografia de Marcelo Caetano que estava pendurada por cima do quadro de giz da sala de aula.

O fato de hoje o Município de Tomar homenagear, a título póstumo, quer o seu presidente da comissão administrativa, quer os presidentes da câmara e assembleia eleitos após o 25 de Abril, representa o enorme respeito que temos pela democracia e pelo legado daqueles que muito contribuíram para o seu engrandecimento.

Há 40 anos atrás era impensável Tomar ter como presidente do município ou como presidentes de juntas de freguesia mulheres.

Há 40 anos atrás era impossível estarmos reunidos tal como hoje aqui estamos, com as nossas diferenças, mas com respeito mútuo por essas mesmas diferenças.

Há 40 anos atrás tínhamos um regime ditatorial: os poderes concentrados num só homem, o voto reduzido a uma farsa, a justiça cometida a uma comédia, a segurança traduzida em terror, a informação expressa num *diktat*, o cidadão atolado num pântano, enfim um Portugal feudalizado, belicista e solitário.

É importante a memória do mal, a servir de negativo à memória do bem, até porque nos nossos dias, Salazar volta a assumir nas memórias de alguns o estatuto de homem enviado por Deus para salvar a Pátria, e como não é fácil combater de fora os regimes democráticos, cuidam de mina-los por dentro. A virtude privilegiada para esta auto-destruição por dentro é a liberdade. Sabendo que, mal doseada pode converter-se em desordem, lutam por aquilo que odeiam, instrumentalizando os excessos de liberdade e tentando transforma-los em passaportes para a anarquia. Atingida esta, (e a história ensina-nos) passarão a exigir não a liberdade mas a opressão e a ordem. A esperança destes, é que a liberdade venha a morrer às suas próprias mãos, que a liberdade mate a liberdade. Como dizia Salgado Zenha “ O contrário da tirania não é a anarquia, mas a liberdade”.

Muito se fala da qualidade da nossa jovem – de 40 anos – democracia, mas permitam-me que vos diga, que tem já alguns tiques de velha, mas melhorar a sua qualidade passa por proporcionar às pessoas condições de vida condignas, passa por dar às crianças e aos jovens perspectivas de futuro no seu país, passa por estar atendo aos problemas dos mais idosos, passa por garantir uma justiça social, passa por termos um sistema judicial cuja credibilidade é

essencial a um estado de direito, passa por termos um sistema de segurança em que as nossas policias tenham condições para assegurar a segurança de todos nós.

Será que falta cumprir Abril?

A democracia vem de um mundo e um tempo que não existem mais. O paradigma agora é outro e contraditório. Globaliza – territórios, moedas, informações, mercados, culturas, identidades e ao mesmo tempo feudaliza – numa “bandeja” de livre iniciativa e feroz competição redistribui o poder entre os donos do dinheiro, os profetas da informação, enfim os novos senhores feudais.

O liberalismo político exalta o cidadão em detrimento da autoridade do Estado e o liberalismo económico exalta a competição em detrimento dos mais fracos, e qual o resultado?

Uma sociedade civil que aspira à retoma das prerrogativas políticas que no passado delegou e uma (des)organização económica que progressivamente se emancipa da tutela do Estado, concentra a riqueza nas mãos de cada vez menos e distribui a pobreza entre hordas de cada vez mais. Sim, falta cumprir Abril.

Mas cumprir Abril é uma tarefa sempre inacabada. Cumprir Abril é persistir em mudar. Cumprir Abril é o contrário de “deixar correr”. Cumprir Abril é impedir tudo o que favorece o aumento das desigualdades e das injustiças sociais.

Por isso, caros Tomrenses, quero garantir-vos que hoje, como ontem, estamos aqui para cumprir Abril!

Viva o 25 de abril – viva Tomar – viva Portugal

*Tomar, 25 de Abril de 2014*

*Anabela Freitas, presidente da câmara municipal de Tomar*